

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de apresentação dos novos conselheiros do Consea

Data: 27/11/2007

Meu caro companheiro ministro do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, Patrus Ananias,

Meu caro companheiro Guilherme Cassel, ministro do Desenvolvimento Agrário,

Meu caro companheiro Altemir Gregolin, ministro da Secretaria Especial de Aqüicultura e Pesca,

Deputada Jô Moraes,

Deputado Nazareno Fonteles,

Meu caro Renato Maluf, que substitui o nosso querido companheiro Chico Menezes,

Companheiros conselheiros e conselheiras do Consea,

Se nós pararmos para pensar no cotidiano da nossa vida, nós vamos perceber que as mudanças que vamos conquistando nem sempre foram acreditadas por nós, e vamos perceber que, muitas vezes, elas acontecem mais lentamente do que a pressa que nós temos. O trabalho de um governo é medido pelo mandato de um governo, que é de quatro anos. O trabalho de um parlamentar é medido pelos quatro anos, ou seja, ele está sempre sabendo que para ele continuar aquele trabalho, vai ter que renovar o seu mandato. O que é importante é a gente construir instituições e organizações que perpassem os mandatos e que, portanto, perpassem os governos.

Eu tenho, na minha vida, uma experiência, Patrus e Renato, de construir algumas coisas que não estavam no cotidiano sociológico da nossa sociedade. Eu lembro que quando começamos a luta no movimento sindical brasileiro, e a gente dizia que era preciso vencer as barreiras que até então a legislação impunha aos dirigentes sindicais, os companheiros mais organizados, de tradição política mais apurada, de formação jurídica mais forte, diziam assim para mim: “Não é

possível. Você não vai conseguir fazer o que você quer porque a estrutura sindical brasileira é cópia fiel da Carta del Lavoro, de Mussolini e, portanto, você vai girar, girar, girar e vai cair sempre no mesmo ponto. Não tem como mudar”.

O que aconteceu, na verdade? Nós, certamente, não mudamos nada na estrutura legal vigente, mas nós criamos um outro sindicalismo no Brasil a partir da década de 70. Criamos Centrais Únicas, quando era proibido criar; criamos organizações que a legislação não permitia; funcionamos sem que houvesse uma regulamentação; fizemos as greves que tínhamos que fazer contra a Lei quatro mil e não sei o que lá, que era a lei, já esqueci, faz tempo que não faço uma greve. E aconteceram as mudanças, as coisas foram acontecendo. Obviamente que hoje nós temos um sindicalismo muito mais organizado do que o que nós tínhamos na década de 70.

Depois nós começamos com essa história de que era possível a classe trabalhadora chegar ao governo. Já a partir de 1978, eu vim a Brasília porque tínhamos um ministro do Trabalho que tinha, na verdade, tentado fazer uma lei limitando muito o direito de greve e eu vim a Brasília para fazer um protesto. E daí eu descobri que era preciso criar uma organização política, porque eu visitei mais de 300 deputados e só havia deputados ligados à classe operária o Aurélio Peres, que era do PCdoB, eleito pelo PMDB, e o Benedito Marcílio, que era sindicalista de Santo André, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos, eleito pelo PMDB. Não tinha... Eu lembro de um deputado, com quem eu fui falar: “Você tem que votar contra isso”, e ele: “Vocês não votam em nós...”

Daí surgiu a idéia de criar uma organização política para chegar ao poder. Também não existia na formação daquele momento, nem dos especialistas, a possibilidade de criar partidos e, tampouco, de chegar à Presidência da República. Alguns companheiros mais próximos, mais à esquerda, diziam assim para mim: “Olha, só é possível a classe trabalhadora chegar ao poder depois de construir o socialismo. E esse diabo desse socialismo não vinha. E eu falei: é preciso fazer alguma coisa. O dado concreto é que nós não precisamos construir o socialismo para chegar ao poder. Nós disputamos quatro eleições e chegamos à Presidência da República deste País numa demonstração de que, muitas vezes, nós colocamos obstáculos demais para nós mesmos fazermos as coisas. Muitas vezes eu acho que nós queremos conquistar as coisas e achamos que elas vêm de mão beijada e que se não acontecer hoje não vai acontecer nunca mais.

Depois nós tivemos, quando lançamos... Eu me lembro ainda, antes de falar quando lançamos o Bolsa Família, eu me lembro que quando, na década de 70, se cunhou aqui no Brasil uma frase de que era preciso crescer para distribuir. Passou-se a idéia para a sociedade de que não tinham o que fazer. Pobre tinha que continuar sendo pobre, miserável tinha que continuar sendo miserável, e rico tinha que continuar sendo rico. Se houvesse possibilidade de a

economia crescer – eu lembro da metáfora do bolo – se o bolo crescer, então vão ter coisas para a gente distribuir para todo brasileiro. O que aconteceu de fato e de concreto? O nosso País, de 1950 a 1980, foi um dos países que mais cresceu no mundo. Quando nós acordamos, na década de 80, percebemos que esse crescimento tinha se dado em torno de um crescimento extraordinário, porque o Brasil durante 10 anos cresceu acima de 10%, em 1973 chegou a crescer 14,3%. O resultado desse crescimento não só não tinha sido distribuído de forma mais justa como tinha aumentado a parte mais pobre da população, existia um vazio.

Nós, quando instituímos o Bolsa Família, também não faltaram no meio de nós companheiros que falavam: “Isso é assistencialismo, isso é proselitismo, isso não resolve o problema”. Aí começaram a procurar: “Cadê a porta de saída?”. As pessoas não tinham nem entrado e já queriam que as pessoas saíssem, numa loucura, num nervosismo. “Não, nós precisamos encontrar logo a porta de saída, estão gastando dinheiro”. Sem nenhuma preocupação, eu disse para o Patrus, eu disse para o Graziano: “Nessas coisas, a gente não tem pressa”. Quando a gente planta uma coisinha que a semente é boa, vai demorar, vai passar gente perto e vai dizer: “Aqui não tem nada plantado, isso aqui não vai dar nada”. Mas um dia aparece o primeiro olhinho da árvore e ela vai crescer e os resultados vão aparecer. O dado concreto é que a porta de saída para as pessoas mais pobres que estão recebendo transferência de renda, aí, sim, é um crescimento da economia, mais distribuição de renda e mais geração de empregos, mais educação, mais formação profissional. É isso que vai fazer com que, definitivamente, as pessoas consigam dizer: “Olha, eu não preciso mais de um programa assistencialista, eu vou para outro patamar”. Porque é isso, na verdade, que dá orgulho ao ser humano.

Eu lembro que esses tabus todos que nós quebramos um pouco começa a dar resultados. Hoje é apresentado para nós, pelos companheiros do PNUD que vieram anunciar que o Brasil mudou de patamar na questão do IDH. É pouco, mas é importante lembrar que o IDH apresentado é medido só até 2005. Nós temos 2006, 2007, 2008, 2009 e 2010 só para medir o nosso governo. Até já convoquei o PNUD para voltar aqui em 2012 e fazer o seu Relatório bianual aqui no Brasil para a gente ver o que aconteceu, porque tem uma coisa da qual eu estou convencido: na hora em que você planta e a água que cai naquela planta tem a quantidade certa, e depois vem o sol para fazer a fotossíntese certa, pode demorar um dia ou outro dia, mas que vem, vem. E o que nós estamos plantando no Brasil é muito forte e vai se consolidar com muita força.

Eu dizia agora ao Renato, o Consea... o importante, a melhor coisa que a gente pode fazer para o Consea é, ao deixar o governo, o Consea continuar. E ele não vai continuar por um decreto ou por uma lei. Ele vai continuar pela capacidade de organização que ele tiver, como algumas conferências nacionais que existem no Brasil, que passa governo e entra governo, é obrigado a convocar as conferências porque o povo está muito organizado, está muito preparado. Poderíamos pegar como exemplo, Arlete, a Conferência da Saúde. Pode entrar quem quiser

neste País, que não consegue deixar de convocar uma conferência da Saúde, e se deixar de convocar, ela vai acontecer no município, vai acontecer no estado e, certamente, vai acontecer em Brasília. Obviamente que os Presidentes não vão – Presidente não gosta de conferência – a não ser antes ou depois como vida profissional, para ganhar dinheiro fazendo conferências. Mas participar de conferência para ouvir aquilo que alguns acham que é desaforo quando, na verdade, é um desabafo, assistir conferência para ouvir gente falar mal do governo, quando o bom é você ouvir as pessoas falarem bem, não é normal.

Então, o Consea, que foi pensado em 1991, que começou no governo Itamar, depois parou e depois voltou conosco em 2003, precisa se consolidar, e ele vai se consolidando, Renato, pela qualidade da elaboração das políticas públicas que o Consea tiver competência para fazer. Por isso, eu estou feliz aqui, Renato – não é tua posse, mas eu estou achando que é tua posse – porque nós estamos sem nenhuma bravata, sem esconder que existem divergências entre os membros do Consea, fazendo uma coisa plural, representativa da sociedade civil, com a participação de gente do governo.

E aí, Renato, eu gostaria de ter pelo menos um relatório das pessoas do governo que estão indicadas e que não comparecem, porque eu já disse da outra vez, aqui, na posse do Chico: não é possível que um ministro queira participar, que um ministro indique o seu secretário-executivo e depois não apareça o ministro, não apareça o secretário-executivo e, a cada reunião, aparece uma pessoa diferente sem saber o que aconteceu na reunião anterior. Não é possível. Isso não dá certo. Vejam como está o Corinthians. Não tem coordenação que consiga fazer funcionar, não tem time que consiga ganhar um jogo se não tiver o estabelecimento de uma harmonia.

Bem, eu gostaria que o Chico estivesse aqui para agradecer-lhe, porque ele foi um companheiro de uma grandeza incomensurável nos bons e nos maus momentos, nas épocas de vacas magras e nas épocas de vacas gordas, o Chico compreendia a política. Ele sabia que determinada coisa, a gente não poderia precipitar, porque se precipitasse, a gente perdia. Era preciso que a política, Nazareno, você já aprendeu: aquilo é um termômetro, ou seja, você tem que saber qual é a temperatura que você pode colocar o pé, porque se tentar colocar o pé fora da temperatura, ou morre congelado ou morre queimado.

Então, eu acho que o Chico tinha essa visão. Talvez pela formação dele, talvez pela convivência dele no Ibase. E, depois, o Chico era o rei da paciência. Até o jeito do Chico reclamar do governo era elegante, não era uma coisa abrupta. Tem pessoas que nem fazem uma reclamação muito grande, mas o jeito de dizer ofende mais do que se tivesse dito uma coisa bem mais forte. O Chico, não. O Chico era o próprio “denominador comum”.

Portanto, o Chico nos deixa, continua no Conselho, e eu acho isso importante. E entra o companheiro Renato. Mas não é apenas o Chico que sai. Sai, junto com o Chico, metade do Consea que foi mudado, e eu quero também agradecer aos companheiros que participaram ativamente dessa fase e dar parabéns aos novos companheiros e companheiras que foram eleitos para o Consea, com representação empresarial, com representação de dirigentes sindicais, indígena, quilombola. Na verdade, o Consea virou a cara da sociedade brasileira, do jeitinho que nós somos, não é isso? É uma coisa importante.

E o Renato... O Renato é um companheiro que eu conheço já há algum tempo. Aliás, eu conheço o Renato de Piracicaba, do tempo em que eu nem pensava em ser candidato a Presidente da República. Faz tempo, heim, Renato?

O que eu posso dizer para você? O companheiro Renato – e é importante a imprensa saber – já é membro do Consea, como representante do Fórum Brasileiro de Segurança Alimentar e Nutricional. Ele é pesquisador da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e um dos mais ativos especialistas brasileiros na área.

A biografia do nosso companheiro Renato Maluf ilustra uma contribuição decisiva para a construção de estratégias de combate à fome e à miséria. Ele foi relator do documento “A Cúpula Mundial da Alimentação”, em 1996, e da primeira proposta de Política Nacional de Segurança Alimentar, em 1991. Também foi grande colaborador do Programa Fome Zero, no Instituto Cidadania, nos anos 2001-2002.

Renato, eu queria, primeiro, dizer que você me tenha como parceiro neste negócio. Acho que nós temos muita coisa para fazer. Se a gente analisar o que aconteceu antes de nós, e analisarmos até agora, nós vamos chegar à conclusão que nós avançamos. Mas se a gente olhar para aquilo que é a nossa aspiração, ainda falta muito. Precisamos construir o que falta nesses três anos de mandato, Renato.

Todos nós já estamos mais preparados, o Consea está mais preparado, os ministros e as ministras estão mais preparados, o presidente da República está mais preparado, a situação do país melhorou substancialmente, portanto, a gente não está naquele momento de vacas magras, em que para dar zero centavo de aumento a gente ficava brigando um mês.

A gente pode, agora, entrar num processo de consertar as coisas que precisam ser consertadas para, ao terminar o nosso governo, ter uma política de segurança alimentar definitiva neste País, tão forte que qualquer governo que tentar mexer vai ser criticado internacionalmente, porque está mexendo numa coisa que pode servir de padrão para que o mundo inteiro possa seguir.

Vamos ver o que nós já fizemos aqui. De vez em quando, como a gente é muito sequioso de muitas conquistas, a gente está sempre querendo mais e sequer agradece as já conquistadas. A minha relação com o movimento social é engraçada porque, às vezes, um companheiro entrega uma pauta de reivindicação – e o Guilherme sabe disso –, entrega 100, a gente atende 99 e, no discurso de posse, ele esquece as 99 e só fala da uma que faltou. Isso é ruim porque a gente não vai politizando as pessoas. É preciso a gente ir dizendo “olha, conquistamos isso, conquistamos aquilo”. Vamos ver. Entre as principais atribuições da nova gestão estão a regulamentação da Lei Orgânica de Segurança Alimentar e a implantação do Sistema Nacional de Segurança Alimentar. Este é um desafio que nós temos que zerar e cumprir.

O Consea tem um papel fundamental, ou teve um papel fundamental até agora... Vamos ver o que nós fizemos. A III Conferência, em julho de 2007, em Fortaleza, reuniu cerca de dois mil participantes e foi precedida de conferências regionais e municipais em todos os estados. Houve, nessa conferência, cotas para participantes negros, quilombolas, indígenas e oriundos de demais comunidades tradicionais. Eu acho que essa é uma novidade extraordinária. Certamente haverá um dia em que não precisará de cotas. As pessoas participarão porque estarão em igualdade de condições.

Mas vamos ver a Lei Orgânica de Segurança Alimentar. A principal resolução da II Conferência Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional foi construída no âmbito do Conselho, com tramitação de um projeto de lei em tempo recorde no Congresso Nacional, onze meses, e sanção presidencial em setembro de 2006.

Elaboração e aprimoramento do Bolsa Família. O Programa ultrapassa a meta dos 11 milhões de famílias, o que representa 45 milhões de pessoas. Nos quatro primeiros anos do Programa, completados em outubro passado, os investimentos foram de 24 bilhões e 800 milhões de reais. Não pensem que todo mundo no Brasil gosta que a gente transfira 24 bilhões e 800 milhões para cuidar de pobre neste País. Não pensem que não tem gente xingando a gente por aí fora.

Valorização da Alimentação Escolar. Recuperação em 70% do valor da transferência per capita para o ensino fundamental, que estava congelado há dez anos. Repasse de valores diferenciados para comunidades indígenas e quilombolas. Anunciada, lá em Fortaleza, a extensão ao ensino médio da alimentação escolar, já havendo provisão orçamentária para 2008. Com o programa “Um Milhão de Cisternas”, entre governo e as entidades que contribuíram, já foram construídas 230 mil cisternas no Brasil.

O Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura... Bom, o Pronaf vocês acompanham bem. Nós ainda temos um pequeno problema no Pronaf, que é o problema... Como o Pronaf, historicamente, era concentrado no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, ele chegava menos ao Paraná, menos a São Paulo e quase nada aos outros estados, sobretudo nas regiões Norte e Nordeste. Na hora em que você cria o Pronaf e facilita, o que acontece? As pessoas, muitas vezes, não estão bem informadas para retirar o dinheiro. Na última reunião que nós fizemos, tomamos uma decisão, que agora, em janeiro, o Guilherme tem que fiscalizar para ser cumprida, porque um companheiro para pegar o dinheiro do Pronaf precisa fazer um cursinho para fazer um concurso. Porque tem plano A, plano B, plano C, plano F, plano D, no mínimo ele tem que conhecer o abecedário todo. É um negócio que não tem explicação.

Numa reunião, o Presidente do Banco do Brasil me trouxe uma folha, mais ou menos assim, com todas as regras para pegar dinheiro do Pronaf. Se aquele papel cai na mão de um companheiro lá no Acre, lá na Paraíba ou lá na minha Caetés, ele vai passar oito meses sem conseguir entender o que está escrito lá. Ora, fazia muito tempo que as pessoas não participavam dessas coisas. Em janeiro nós vamos tentar... ah, tomamos a decisão de desburocratizar, aí fiquei compreendendo que tem um tal de sistema... Eu achei que era fácil: o Presidente manda, muda, e está mudado. Não. O Presidente do Banco do Brasil concordou, o Guilherme Cassel achou bom, a Contag achou ótimo. Mas aí, quando chega ao Banco, o sistema que estava implantado vai ter que ser adaptado para o novo sistema, ou seja, só em janeiro que a gente vai poder reduzir essa quantidade de letras exigidas para o Pronaf.

A questão da ampliação dos recursos do Programa de Aquisição de Alimentos. Aqui tinha uma divergência: vocês me viram trocando papel com Patrus. É que o Patrus, como mineiro, sempre apresenta as coisas por baixo. Então, o Patrus estava dizendo: "Presidente, precisa aumentar um pouquinho o PAA". Eu falei: "Mas nós não já aumentamos, rapaz?". E ele falou: "Não, só são 500 mil reais". Eu falei: "Patrus, são 678 milhões de reais". Aí, ele falou: "Não, isso porque tem uma somatória com o MDA, então são os dois". E ele falou assim para mim: "O bom mesmo, Presidente, seria se fosse 1 bilhão de reais". Aí, nós vamos ver, Patrus, porque esse é um Programa em que tenho experiência do sucesso dele na praça, tenho experiência do quanto significa para um cidadão que tem cinco vaquinhas leiteiras se ele puder vender no programa do leite, para o cidadão que cata um molho de feijão e depois não tem preço. Agora está subindo o feijão. Então, isso é uma coisa para a gente discutir viu, Patrus, com carinho, porque eu acho que é um Programa que tem crescido. Agora, você senta no meu lugar.

Bem, uma outra coisa importante é que o Consea apresentou importantes propostas incorporadas ao Plano Plurianual 2008/2011, portanto não é uma coisa eminentemente teórica que está na cabeça de um de vocês, já foi apresentado. Portanto, agora, nós vamos ter que cumprir, enquanto governo. Apoio a implementação e gestão do Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, apoio a Segurança Alimentar e Nutricional dos Povos e Comunidades Tradicionais, Programa de Conservação, Manejo e Uso Sustentável da

Agrobiodiversidade e acesso à água para a produção. Essas são algumas coisas importantes que já estão no Plano Plurianual.

No mais, companheiros e companheiras... eu, Chico, acho que você teria o direito de fazer um discurso, mas não vou poder ouvir porque estou com o Conselho de Desenvolvimento Econômico também já uma hora atrasado. Queria agradecer a vocês, agradecer pelo que vocês fizeram e agradecer a vocês pelo o que certamente vocês irão fazer. Quero que vocês saibam que, da parte do Presidente da República, não tem tema que seja tabu, não tem tema que seja proibido e as dificuldades que, muitas vezes, se dão no campo financeiro, nós vamos resolver com mais facilidade daqui para frente porque a situação está ficando melhor. Vocês estão acompanhando os números pela imprensa, vocês estão vendo o crescimento da economia e agora a gente pode fazer com um pouco mais de tranquilidade aquilo que nós fizemos com muito sacrifício em 2003.

O final do ano está chegando, eu não sei se vou ver mais vocês porque tenho uma viagem, tenho uma maluquice internacional. No dia nove, estarei na Argentina, dia 10, na Argentina, dia 11, na Bolívia, dia 12, na Bolívia, dia 13, na Venezuela, dia 18, no Uruguai, e depois tenho que voltar para São Bernardo do Campo. Quero agradecer de coração. Maluf, primeiro te dizer que, nos momentos bons, não precisa me procurar, mas nas dificuldades, serei muito mais companheiro. Patrus é seu aliado nisso, o Guilherme, o Gregolin, todos os ministros.

Ao Chico, os meus agradecimentos por tudo o que você fez. Os elogios, já fiz aqui, você não precisa ouvir. E a vocês, companheiros militantes do Consea, simpatizantes, delegados, delegadas, conselheiros, que Deus dê a vocês aquilo que vocês merecem.

Um abraço.